

EIXO TEMÁTICO 8 | CULTURA, SOCIEDADE E IDENTIDADES

A DIALÉTICA DA CULTURA: entrelaçando as perspectivas de Gramsci, Thompson e Williams¹

THE DIALECTICS OF CULTURE: interweaving the perspectives of Gramsci, Thompson and Williams

Vladimir Bucal²

RESUMO

A cultura, longe de ser um fenômeno isolado, é intrinsecamente entrelaçada com as complexidades das relações de poder e das lutas sociais. Ao longo da história, ela tem sido moldada, contestada e reinterpretada por diferentes grupos e classes em busca de hegemonia e resistência. As obras de três notáveis pensadores marxistas do século XX – Antonio Gramsci, E.P. Thompson e Raymond Williams – servem como base para este artigo. Apesar de se fundamentarem na tradição marxista, seus trabalhos divergem do materialismo histórico tradicional. Em contraposição, propõem uma visão humanista da cultura que vai além da esfera econômica ou ideológica. Neste sentido, o objetivo perseguido neste artigo configura-se em apresentar a discussão sobre a cultura na perspectiva do materialismo histórico humanista, destacando o ponto central que permeia o pensamento dos autores mencionados.

Palavras-chave: Cultura. Gramsci. Thompson. Williams

ABSTRACT

Far from being an isolated phenomenon, culture is intrinsically intertwined with the complexities of power relations and social struggles. Throughout history, it has been shaped, contested and reinterpreted by different groups and classes in search of hegemony and resistance. The works of three notable 20th century Marxist thinkers - Antonio Gramsci, E.P. Thompson and Raymond Williams - serve as the basis for this article. Despite being based on the Marxist tradition, their work diverges from traditional historical materialism. In contrast, they propose a humanist vision of culture that goes beyond the economic or

¹ O presente artigo é fruto da pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Políticas Públicas na Universidade Federal do Maranhão.

² Graduado em Humanidades e Licenciado em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB; Mestre e Doutorando em Políticas Públicas pela Universidade Federal de Maranhão – UFMA; Email: vlabucal27@gmail.com

ideological sphere. In this sense, the aim of this article is to present the discussion on culture from the perspective of humanist historical materialism, highlighting the central point that permeates the thinking of the authors mentioned.

Keywords: Culture. Gramsci. Thompson. Williams

1 INTRODUÇÃO

A cultura, longe de ser um fenômeno isolado, é intrinsecamente entrelaçada com as complexidades das relações de poder e das lutas sociais. Ao longo da história, ela tem sido moldada, contestada e reinterpretada por diferentes grupos e classes em busca de hegemonia e resistência. O título deste trabalho aponta para a dialética da cultura, reconhecendo-a não como algo estático, mas como um campo em constante evolução, onde diferentes ideias, grupos e forças sociais interagem e se influenciam mutuamente.

As obras de três notáveis pensadores marxistas do século XX – Antonio Gramsci, E.P. Thompson e Raymond Williams – servem como base para este artigo. Apesar de se fundamentarem na tradição marxista, seus trabalhos divergem do materialismo histórico tradicional. Em contraposição, propõem uma visão humanista da cultura que vai além da esfera econômica ou ideológica

Para estes autores, a cultura assume uma dupla face: como modo de vida de uma formação social específica e como organização dos significados e valores de uma sociedade. Ao romper com as concepções tradicionais de cultura³, abrem caminho para uma análise mais profunda das relações de poder e das lutas sociais, incluindo a hegemonia e a contra-hegemonia.

Neste sentido, o objetivo perseguido neste artigo configura-se em apresentar a discussão sobre a cultura na perspectiva do materialismo histórico humanista, destacando o ponto central que permeia o pensamento dos autores mencionados. O trabalho é de cunho bibliográfica.

³ A visão tradicional da cultura, predominante até o século XX, considerava a cultura como um conjunto estático e homogêneo de valores, crenças, costumes e tradições compartilhado por um grupo social (MARTINS E NEVES, 2021).

2 GRAMSCI E A RECONFIGURAÇÃO DA CULTURA

No início do século XX, a Europa estava imersa em profundas mudanças sociais e políticas. Os impactos devastadores da Primeira Guerra Mundial haviam deixado uma trilha de destruição, e o continente fervilhava com a força dos movimentos sociais e com a eclosão de revoluções. É nesse contexto tumultuado que emerge a figura de Antônio Gramsci (1891-1937), um filósofo e pensador político italiano.

Nascido na Sardenha, Gramsci veio de uma família de trabalhadores. Desde jovem, ele se envolveu nas lutas sociais e tornou-se um membro ativo do Partido Socialista Italiano. Sua experiência como jornalista e ativista político, aliada à sua sólida formação intelectual, moldou sua visão perspicaz da sociedade capitalista.

Figura proeminente do marxismo ocidental, a contribuição de Antonio Gramsci revolucionou a compreensão da cultura e influenciou fortemente outros pensadores críticos. Em suas obras, ele a desvincula da visão tradicional, estritamente econômica, e a coloca no centro da disputa pela hegemonia na sociedade de classes. Gramsci não se limitou a definir a cultura. Ele teceu uma complexa análise de como ela se articula com o poder político e social. Ao longo de seus escritos, desde os primeiros trabalhos até os célebres “Cadernos do Cárcere”, a cultura se torna um tema central, aparecendo cerca de oitocentas vezes, segundo Martins e Neves (2021).

Em seu ensaio “Socialismo e Cultura”, escrito em 1916, Gramsci rompeu com a visão tradicional da cultura como um mero adorno ou reflexo da sociedade. Essa visão conservadora considerava a cultura como um “saber enciclopédico”, uma habilidade de acumular informações que levava alguns a se sentirem superiores ao restante da humanidade. Gramsci chamou essa perspectiva de “intelectualismo prejudicial”. Claramente, Gramsci adota uma postura contrária a essa concepção e advoga pela interpretação do termo cultura como um processo de domínio próprio e descoberta interna que poderia formar a fundação para uma consciência crítica unificada, uma “nova cultura”. O autor destaca:

É preciso perder o habito e deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto apenas sob a forma de um recipiente a encher e entupir de dados empíricos, de fatos brutos e desconexos, que ele depois deverá classificar em seu cérebro como nas colunas de um dicionário, para poder em seguida, cada ocasião concreta, responder aos vários estímulos do mundo exterior (GRAMSCI, 2004, p. 57).

Para o pensador italiano, a cultura é algo bem diverso, isto é, “organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior” para que o homem fosse capaz de “compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres”. (GRAMSCI, 2004, p. 58).

Em contraste à visão tradicional de cultura como um conjunto estático de costumes e valores, Gramsci a redefine como uma “concepção da vida e do homem” (GRAMSCI, 1999, p. 60) em constante mutação. Essa visão dinâmica reconhece a cultura como uma força viva, moldada pelas contradições e lutas das classes sociais no contexto do modo de produção capitalista.

Para Gramsci, a construção de uma nova cultura é intrínseca à luta por uma sociedade mais justa. Essa nova cultura, um “novo humanismo”, assume a forma de crítica radical aos costumes, sentimentos e concepções de mundo que sustentam o *status quo*. Ao desafiar o senso comum e revelar sua natureza histórica e contingente, o “modo de pensar historicista” abre caminho para a transformação social (GRAMSCI, 1999). Para ele:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer, transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. (GRAMSCI, 1978, p. 13)

Nesse sentido, a cultura, portanto, deixa de ser um mero reflexo da realidade material para se tornar um agente ativo na luta pela mudança. As diferentes “concepções da vida e do homem” se chocam e se transformam ao longo do tempo, em um processo dialético que redefine o curso da história. A cultura não surge no indivíduo ou na coletividade de forma natural ou aleatória. Ela é fruto de um processo histórico, moldada pelas relações de poder e pelas contradições inerentes à sociedade (GRAMSCI, 1999).

O ser humano, como ser histórico, é produto e agente desse processo. Através da consciência crítica, desenvolvida pela compreensão de si mesmo e da sociedade, o indivíduo se torna um elemento ativo na construção da cultura. Essa consciência permite que ele se distinga do passado e atue como um agente de transformação social. Para Gramsci, a revolução é precedida por um trabalho cultural intenso e contínuo, que visa desconstruir a hegemonia cultural dominante e construir uma nova base cultural para a sociedade (GRAMSCI, 2004).

Segundo Martins e Neves (2021, p.125), a cultura é organizada e é organizadora da sociedade. “A questão organizativa é central, porque oferece elementos para distinguir as funções intelectuais das demais funções sociais” A concepção de cultura gramsciana é inseparável da concepção de hegemonia. De acordo com Gramsci, a luta hegemônica é uma luta por uma nova cultura sob uma base social nova. Na concepção de Gramsci, a hegemonia se insere em reflexões sobre a ampliação das funções ético-políticas do Estado no capitalismo monopolista.

Nessa incessante interação entre o homem e seu meio, a cultura assume um papel fundamental. Ao passo que a produção material molda a cultura, a própria cultura se torna um propulsor de transformações, tanto no ambiente natural quanto na própria constituição do ser social. Ao contrário de visões estáticas e reducionistas, a cultura se revela como um processo dialético, em constante mutação. É nesse dinamismo que reside a força motriz da história, impulsionando a sociedade em direção a novos horizontes.

As contribuições de Gramsci em relação à cultura se tornam fontes propulsoras fundamentais à construção do materialismo humanista de Thompson e do materialismo cultural de Williams.

THOMPSON: A Cultura como Arena de Conflitos e Transformações

Edward Palmer Thompson (1924-1993) foi um historiador, educador, poeta e militante marxista britânico que também influenciou radicalmente a forma como compreendemos a cultura e seu papel na sociedade. Seus trabalhos, marcados por uma rigorosa pesquisa e uma análise crítica, abriram novos caminhos para o estudo da história social e cultural, principalmente no que se refere à classe trabalhadora.

Ao longo de sua extensa carreira intelectual como historiador, Thompson dedicou-se ao estudo da cultura como um elemento fundamental para a compreensão das relações de classe no início da industrialização capitalista. Sua atenção se concentrava na participação das classes trabalhadoras nas transições do mercantilismo para o capitalismo moderno, destacando a importância de suas experiências e perspectivas na formação da sociedade moderna.

À semelhança de Gramsci, Thompson enfatiza a importância da cultura como sendo essencial para entender a complexidade e as contradições sociais no capitalismo contemporâneo. Em seu livro “Costumes em Comum” (1998), Thompson faz uma análise

profunda do conceito de cultura, utilizando o termo “costumes” como porta de entrada. Ele desvenda as nuances do termo e, ao fazê-lo, tece reflexões importantes sobre a cultura como um espaço de elementos conflitivos, dinâmicos, complexos e contraditórios.

Assim sendo, para Thompson (1998, p. 17), a cultura é, antes de tudo “um campo para a mudança e a disputa, uma arena nas quais interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes”. O autor nos alerta para o perigo das generalizações consensuais, que obscurecem a realidade dos “contextos históricos específicos” em que cada cultura se desenvolve. Essa visão crítica é fundamental para evitarmos interpretações simplistas e reducionistas da cultura.

De acordo com assertiva expressa pelo autor no livro “Costumes em Comum”:

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um ‘sistema’. E na verdade o próprio termo ‘cultura’, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto. (THOMPSON, 1998, p. 17).

A partir desse entendimento, o autor tece uma análise perspicaz da cultura, desmistificando definições simplistas e dicotomias tradicionais. Segundo ele, a cultura transborda em multiplicidade, ostentando uma natureza intrinsecamente heterogênea e rica em nuances. Essa visão holística é fundamental para rompermos com visões reducionistas e estereotipadas, reconhecendo a complexa teia de elementos que compõem o universo cultural (THOMPSON, 1998).

A afirmação do intelectual britânico de que a cultura é uma “arena de elementos conflitivos” é convite para entendermos sua natureza dinâmica em constante transformação. Ou seja, significa que as culturas não são estáticas, mas sim passam por constantes transformações ao longo do tempo. Essa dinâmica, isto é, conflito cultural surge de diversas fontes, como divergências de valores, interesses econômicos ou choques entre diferentes grupos culturais.

Os conflitos culturais, por vezes turbulentos, assumem um papel essencial na tessitura da história cultural. Ao buscar soluções para os desafios e tensões gerados por esses embates, as sociedades abrem caminho para o florescimento de novas ideias e práticas, impulsionando a mudança e o desenvolvimento cultural e social (THOMPSON, 1998).

Thompson ainda utiliza a frase “o povo faz e refaz sua própria cultura” (2001, p. 211) como um mantra para essa visão em movimento. Essa visão dinâmica reconhece o papel central das pessoas na construção e reconstrução contínua da cultura, moldando-a de acordo com suas experiências, necessidades e aspirações.

A cultura emerge como uma força vital na obra “Formação da classe operária inglesa (1987)”, entrelaçando-se com as noções de classe, experiência e consciência de classe. Em contraste à visão tradicional que relegava a cultura a um mero reflexo da estrutura social, Thompson (1981) em “Miséria da Teoria” tece uma análise inovadora, elevando-a a um elemento importante na constituição do processo histórico. Através da interdependência entre experiência e cultura, ele propõe uma lente interpretativa que redefine nossa compreensão das dinâmicas sociais.

O autor coloca a experiência no centro da compreensão da cultura, defendendo que ela é moldada pelas vivências das pessoas. A cultura popular, nesse contexto, emerge como um reflexo das condições sociais, econômicas e políticas de cada época.

Para Thompson, as práticas culturais transcendem a mera expressão, assumindo o papel de ferramentas de resistência e afirmação de identidade pelas classes populares. Elas se contrapõem às estruturas de poder dominantes, criando espaços de autonomia e expressão. Dessa forma, o autor propõe um conceito de cultura enraizado na experiência humana, abrangendo a dinâmica das relações sociais, os modos de vida, valores, crenças, costumes e demais elementos que compõem o universo social.

WILLIAMS: Desvendando a Cultura

Raymond Williams (1921-1988) nasceu em uma família de trabalhadores da classe baixa no interior do País de Gales. Sua infância em meio à pobreza e desigualdade social teve um profundo impacto em sua visão de mundo e sensibilidade para as questões sociais. Além disso, a comunidade rural galesa, com suas tradições e cultura distintas, também desempenhou um papel significativo em sua formação intelectual.

Frequentemente reconhecido como o mais proeminente pensador socialista do mundo anglófono, sua obra é vasta, sem paralelos na história intelectual da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Ela transcende rótulos e se desdobra em uma ampla gama de campos do conhecimento. Seus escritos abrangem desde intervenções políticas incisivas e análises

perspicazes da cultura e sociedade até contribuições inovadoras para a história das ideias, sociologia, crítica literária, análise do drama, investigação semântica e criação literária em si. Isso inclui romances, peças de teatro e roteiros para documentários (WILLIAMS, 2013).

Ao longo de sua extensa carreira intelectual, Raymond Williams se dedicou a desvendar as complexas nuances da cultura nas sociedades capitalistas avançadas. Entre as diversas acepções desse termo multifacetado, as perspectivas materialistas históricas da cultura ocuparam um lugar central em suas reflexões.

Em uma entrevista concedida à *New Left Review* (1979), Raymond Williams revela que sua escolha do campo cultural como objeto de estudo foi motivada, em parte, por sua familiaridade com a área. Ele também reconhece que, embora o conceito de cultura apresentasse desafios, considerava-o mais adequado para representar “a ideia de uma ordem humana total” do que a palavra “sociedade”, como era utilizada na época.

A categoria cultura tem, de fato, suficiente amplitude para abranger ideias diversas e, por vezes, até opostas, como se fosse uma forma consagrada pelo uso comum para compreender relações sociais complexas e contraditórias. WILLIAMS (1979) nos alerta para a importância de examinarmos o conceito de cultura com uma compreensão histórica.

De acordo com a explicação de Williams, as dificuldades relacionadas ao conceito de cultura não devem ser atribuídas ao próprio conceito, mas sim à natureza das práticas sociais que ele busca designar. O conceito possui uma “complexidade genuína, correspondente a elementos reais na experiência” (WILLIAMS, 2001, p. 59). Além disso, não é por acaso que ele surge como resultado de uma “convergência de interesses” (WILLIAMS, 2001, p. 11).

Ao longo da modernidade, a percepção da cultura se caracterizou por uma dinâmica dual, transitando entre o abrangente e o específico. De um lado, em uma visão ampla, a cultura se configurava como o “modo de vida global”, englobando a totalidade das experiências e práticas humanas. Do outro, uma visão mais restrita a definia como “artes” e “trabalho intelectual do homem” (WILLIAMS, 2000, p. 11), limitando seu escopo a expressões artísticas e intelectuais.

Essa dualidade se manifestava nas diferentes correntes de análise. As perspectivas idealistas, priorizando o mundo das ideias, tendiam a enfatizar a dimensão específica da cultura, focando nas criações artísticas e intelectuais como elementos que definiam a essência humana. Já as perspectivas materialistas, atentas às relações sociais e materiais,

defendiam uma visão abrangente da cultura, reconhecendo-a como um modo de vida que permeava todas as esferas da sociedade.

Ora, ao invés de dicotomizar o entendimento da cultura, é importante reconhecer a interconexão entre suas dimensões abrangente e específica. A cultura se configura como um mosaico multifacetado, onde o abrangente e o específico se entrelaçam para dar forma à vida social.

Em um exame mais aprofundado, Williams (2007) desvenda a cultura como um processo social e político intrinsecamente ligado à mudança social, adotando uma perspectiva histórica marxista. Para ele, a cultura se configura como um processo histórico em constante transformação, sendo fundamental na formação da sociedade, dos indivíduos e das instituições que a compõem.

Ainda, o intelectual marxista Raymond Williams, figura central na fundação do Partido Comunista da Grã-Bretanha e da disciplina conhecida como materialismo cultural, propõe uma análise inovadora da cultura como um campo de batalha. Inspirado por Gramsci, Williams a define como um modo de vida, um conjunto de valores e práticas que moldam a realidade da classe trabalhadora.

Em contraste com a visão dominante, que marginaliza as culturas populares, Williams (2007) reconhece a importância da experiência da classe trabalhadora na construção da sociedade. Sua obra se dedica a recuperar e valorizar os aspectos ideológicos que moldam os modos de ser e agir dessa classe, desafiando a hegemonia cultural imposta pelas elites.

Para ele, a transformação social exige a criação de uma nova cultura, enraizada nos princípios éticos e morais da classe trabalhadora. Essa cultura alternativa deve levar em consideração suas formas de vida, suas lutas e aspirações, construindo uma contra-hegemonia que subverta a ordem social vigente. Em tempos hodiernos, a força da ideologia emerge como elemento importante na organização das massas. No entanto, o renomado pensador Raymond Williams adverte que:

se considerarmos a ideologia apenas como um conjunto abstrato e imposto de noções, se as nossas ideias, pressupostos e hábitos sociais, políticos e culturais forem meramente o resultado de uma manipulação específica, de um tipo de formação aberta que pode ser simplesmente encerrado ou removido, então seria muito mais fácil mover ou alterar a sociedade do que na prática sempre o foi ou é (WILLIAMS, 2011, p.52).

Ao analisarmos formações sociais reais, essas categorias se tornam mais complexas. Elas revelam, não apenas a realidade da dominação – uma preocupação recorrente nos estudos culturais – mas também a resistência presente nesses grupos. Através da interação entre diferentes agentes sociais, as normas e estruturas de poder são constantemente desafiadas e renegociadas. Essa perspectiva nos permite compreender melhor as dinâmicas de poder e as lutas por emancipação que permeiam a sociedade.

3 CONCLUSÃO

Os pensadores abordados neste artigo - Antonio Gramsci, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams - desempenharam papéis fundamentais na redefinição e compreensão da cultura em suas respectivas épocas. Suas análises profundas e perspicazes não apenas desconstruíram conceitos tradicionais de cultura, mas também abriram caminho para uma compreensão mais complexa e dinâmica desse fenômeno social.

Alinhados aos fundamentos do materialismo histórico humanista, Gramsci, Thompson e Williams iluminam a importância da cultura como um processo dinâmico e intrinsecamente ligado às lutas sociais e à transformação da sociedade. Partindo de diferentes perspectivas, ambos os pensadores contribuíram significativamente para a conceituação e análise da cultura sob a ótica do materialismo histórico humanista.

Embora partam de contextos e experiências diferentes, suas análises confluem em diversos aspectos, ao mesmo tempo em que apresentam nuances distintas em suas abordagens. Um ponto central de convergência é a rejeição de uma visão estática e reducionista da cultura. Gramsci, Thompson e Williams compartilham a visão de que a cultura é um processo em constante transformação, moldado pelas relações sociais e pelas lutas de poder. Essa abordagem dialética contrapõe a visão estática, reducionista e elitista da cultura como algo imutável e reservado a uma minoria privilegiada.

Os autores criticam a ideia de cultura como mero ornamento da sociedade, destacando sua importância na luta por transformações sociais. Eles enfatizam o papel da cultura como um espaço de disputa entre diferentes grupos sociais, ideias e valores, desafiando a hegemonia cultural das elites. Essa crítica abre espaço para o reconhecimento e valorização da cultura popular e da experiência da classe trabalhadora na construção da sociedade. Embora convergentes em pontos centrais, as ideias dos autores também apresentam nuances distintas.

Por exemplo, Gramsci enfatiza a hegemonia cultural, o papel da cultura na manutenção do poder pelas classes dominantes, e a necessidade de construir uma contra-hegemonia para promover transformação social. Thompson concentra-se na cultura popular e na experiência da classe trabalhadora, destacando a importância da resistência cultural na luta contra a opressão. Williams explora a relação entre cultura, ideologia e poder. Portanto, as contribuições de Gramsci, Thompson e Williams nos convidam a compreender a complexidade das formações sociais reais, indo além da mera análise da dominação, para reconhecer também a resistência e a ação dos grupos sociais. Ao desvendar as dinâmicas de poder e as lutas por emancipação, podemos vislumbrar caminhos para uma transformação social.

REFERÊNCIAS

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, vol. 1.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978

GRAMSCI, Antonio. Escritos Políticos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, vol,1 e 2.

NEVES, Lucia; MARTINS, Angela (Orgs.). Cultura e Transformação Social: reflexões a partir de Gramsci, E.P.Thompson e Raymond Williams. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2001

THOMPSON, E. P. Costume em Comum – estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e materialismo. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1980.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WILLIAMS, Raymond. The long revolution. Peterborough: Ont. Broadview Press, 2001.

WILLIAMS, Raymond. Palavra-Chave: um vocabulário de cultura e política. São Paulo: Boitempo. 2007.